ASER: "*QUE FELICIDADE!*"
História de uma memória perigosa

Luís Schiavo

Por muito tempo temos lido a história das tribos de Israel como um bloco homogêneo. Os textos bíblicos falam de grupos clânicos, aparentados entre eles e descendentes dos doze filhos de Jacó, que teriam originado as várias tribos. A união entre elas, "anfictionia" como a definiu Noth[1], teria dado vida a Israel. Este período das origens de Israel (1250-1050 aC) é considerado na Bíblia como uma época ideal, marcada por uma sociedade igualitária, com autonomia produtiva, poder participado, exército ocasional e improvisado, leis para defesa do igualitarismo, fé única em Javé, culto descentralizado, e sacerdotes e levitas a serviço do povo[2].

No período sucessivo da história, se impõe um sistema político diferente: a monarquia. As tribos, com sua própria vida, se tornam a base do sistema do Estado, com seu aparelho administrativo, um exército estável, uma forte conceituação ideológica que tem no templo, na cidade de Jerusalém e na da dinastia os seus grandes eixos, e no rei com sua corte o ponto de referência obrigatório. Israel é um conceito que passa a designar o Estado, e não mais as tribos. Aos poucos a periferia é esquecida, em prol da capital, onde tudo é decidido. As tribos, como entidades autônomas, passam ao segundo plano, e o que vale é o sistema no seu conjunto, em relação com os outros Estados.

O presente trabalho quer resgatar a história de um destes lugares da periferia, a tribo de Aser. Esta tribo teve sua importância no tempo do tribalismo, mas quase desaparece na história oficial, a partir do tempo da monarquia. Desaparece, ou não é importante para quem contou a história a partir do centro? A escassez de informações sobre Aser na Bíblia, ligada também à sua colocação periférica, no extremo norte de Canaã, entre o Carmelo e a Fenícia, nas montanhas da Galiléia, dificulta bastante a reconstrução da história e da identidade desta tribo. Tentaremos fazer isso procurando usar bastante a imaginação dentro do contexto histórico, e fazendo a comparação constante com o que aconteceu com as outras tribos, sobretudo as vizinhas.

A hipótese que nos guia é que a memória desta tribo "feliz" influenciou os movimentos revolucionários e religiosos de renovação que surgiram na Galiléia do I séc. dC, e, portanto, Jesus também. Se isso for verdadeiro, teríamos descoberto um elemento a mais que nos permite entender melhor palavras, ações, esperanças e sonhos de Jesus e do seu tempo.

1. NOTH, Martin. *Storia d'Israele*. Brescia: Ed. Paideia, 1975.
2. STORNIOLO, Ivo. *O livro de Josué*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992, p. 30-31.

1. As origens da tribo de Aser

Para a Bíblia, Aser foi o oitavo filho de Jacó, concebido por Zelfa, escrava de Lia, uma das duas mulheres "oficiais" de Jacó (Gn 35,23-26). Lia teria exclamado diante do recém-nascido: "*que felicidade! Pois as mulheres me felicitarão. E o chamou de Aser*" (Gn 30,13). Está aqui explicado de uma forma simples o nome da tribo e seu parentesco com as outras tribos, como filhos todos de um mesmo pai, Jacó. Se de um lado isso ressalta elementos comuns entre as tribos, do outro é preciso pesquisar mais para descobrir como surgiu esta tribo, por quem era formada e quais os seus primeiros passos.

Alguns estudiosos julgam ter encontrado o nome Aser em textos egípcios, embora estas primeiras referências extrabíblicas não sejam muito claras. Existe um fantasioso homem chamado "*Qazardi*", chefe de Aser (*'isr*), no papiro Anastasi I[3], que poderia pertencer a um grupo pré-mosaico chamado Aser. O mesmo Aser estaria também em Ugarit, na forma: *atr*[4].

Na estela (coluna de pedra) de basalto, de 2 m de altura, descoberta no Tell el Hosu, o sítio de Beth-Shean, que celebra a bravura do faraó Seti I em suas campanhas militares no norte (1304-1290 aC), aparece a palavra "*asaru*" (ou "*asheru*")[5], que para alguns[6] indicaria uma região estrangeira a oeste da Palestina, no interior da Fenícia, o Aser bíblico. Infelizmente a tradução em língua portuguesa da inscrição da estela[7] não é muito clara e não ajuda.

Em outra estela, descoberta em 1896 perto de Tebas e conservada no museu do Cairo, atribuída ao ano 5º do faraó Merneptah (1224-1204 aC), fala-se de Israel e de outro grupo tribal denominado "*Haru*"[8]. Nas linhas 26 e 27 o texto fala da sujeição dos povos asiáticos, e menciona Israel e *Haru*:

> "*Os príncipes estão prostrados dizendo: paz. Entre os nove arcos nenhum levanta a cabeça. Tehenu está devastado; o Hatti está em paz. Canaã está privada de toda a sua maldade; Ascalon está deportada; Gaza foi tomada; Yanoam está como se não existisse mais; Israel está aniquilado e não tem mais descendência. O Haru está em viuvez diante do Egito*"[9].

Corresponderia *Haru* à tribo de Aser?

Noth[10] acha que a palavra "*ash*" vem do nome do companheiro masculino da deusa cananéia *'srh*, Asera (ou Ashar: palavra presente em muitos nomes acádicos e amor-

3. ANET 2, 477.
4. VIROLLEAUD, Ch. *La légende de Keret, roi des sidonniens*. Paris, 1936, p. 17.
5. SIMONS. *Hand Book*, p. 147.
6. EDELMAN, D.V. Asher, in: *The Anchor Bible Dictionary*, v. I, New York, 1992, p. 482.
7. AA.VV. *Israel e Judá. Textos do Antigo Oriente Médio*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985, p. 32.
8. Cf. voz "Aser", in: MACKENZIE, J.L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984, p. 81-82.
9. AA.VV. *Israel e Judá. Textos do Antigo Oriente Médio*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985, p. 37.
10. NOTH, Martin. *Personennamen*, p. 131.

ritas), já conhecido nas tabuletas com escritura cuneiforme de Tell Ta'annek (1,21), e pelo nome *Abdi Asirta*, como figura nas Cartas de Amarna[11]. Sabemos que o culto a esta deusa foi bastante incentivado no Israel do norte pela rainha Jezabel, de origem sidônia, no séc. IX aC.

Apesar de todos estes indícios, muitos estudiosos não concordam com este Aser do séc. XIII. Entre eles, Albright num estudo[12] atribui esta teoria a uma "semelhança filológica entre o Aser bíblico *'shra* e o *'ishr* dos textos egípcios do séc. XIII. E conclui dizendo que *'isr* representaria *'thr* e não *'shr*, eliminando assim a sugestiva idéia de que o egípcio *'ishr* de 1300 aC indique Aser"[13]. Também Soggin, citando De Langue[14], conclui que é difícil hoje sustentar esta tese[15].

Em conclusão: diante de tantos pareceres discordantes, é difícil dizer uma palavra final. Seduz bastante a hipótese de uma primeira concentração de Aser no declive ocidental da baixa Galiléia (o território de *Qazardi*) a partir do séc. XIII ou XIV aC. Seria uma prova de que nem todas as tribos vinham de fora da Palestina e participaram da conquista e divisão da terra. Aser podia ter surgido dos moradores da região noroeste da Galiléia. Quais moradores: os habitantes das cidades cananéias, numerosas na região, ou o povo mais simples do campo, das montanhas e da beira-mar?

Tudo isso não passa de uma hipótese, que deve ser comprovada a partir de um estudo filológico dos documentos antigos e da arqueologia da região.

2. A época tribal

É o período dos juízes (1250-1050 aC). Aparecem os primeiros escritos bíblicos e aumentam as fontes para nossa pesquisa.

2.1. Localização e orientação da tribo de Aser

O texto bíblico mais antigo a falar de Aser é o cântico de Débora: Jz 5,17: "*Aser se estabeleceu na margem oeste (o mar), e diante de (sobre) suas enseadas (baías, pequenos portos) mora*". O contexto deste texto é o de Zabulon e Neftali, que parecem dar uma "puxada de orelhas" em Aser por não ter participado da guerra contra Jabin rei de Hasor. Na realidade, várias tribos não seguiram Débora: além de Aser, Rúben, Galaad e Dã.

O Aser de Jz 5 está olhando para o mar, de costas para a planície de Jezreel onde aconteceu a batalha de Débora, e de costas para as outras tribos. Nossa tribo não parece

11. Cf. voz "Aser", in: *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 124; e em *Harpers Bible Dictionary*, São Francisco, Harper, 1985.

12. ALBRIGHT, W.F., De LANGE, R., JbEOL 9, 1944, p. 120 e ALBRIGHT, W.F., JAOS 74, 1954, p. 222s.

13. KITCHEN, K.A. Aser, in: *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1995, p. 154.

14. De LANGUE, R. *Les textes de Ras Shamra et leur rapport avec le milieu biblique de l'Ancien Testament*. Paris, 1945, II, p. 472.

15. SOGGIN, A. *Joshuá. A commentary*. London: SCM Press LTD., 1972, p. 193.

estar interessada nesta guerra: estava de olhos para o mar, com certeza para a cidade cananéia de Tiro, com a qual devia ter relações comerciais de troca de produtos e de mão-de-obra. Por isso, opta por uma política de "boa vizinhança".[16] Deparamos aqui com a dificuldade inicial em se criar uma união entre as tribos, e também devemos constatar que esta união foi originada a partir de interesses comuns. De fato, em outros momentos, como por exemplo diante da convocação de Gedeão, Aser parece virar o rosto para o sul e participa da guerra e do destino junto com outras tribos: "*...Depois ele* (Gedeão) *enviou mensageiros às tribos de Aser, de Zabulon e de Neftali, que subiram ao seu encontro*" (Jz 6,35), e mais adiante: "*Então foram convocados os homens de Israel de Neftali, de Aser e de todo Manassés, e perseguiram Madiã*" (Jz 7,23). Fato importante é que a planície de Jezreel, onde está também Aser com sua margem meridional, é um dos berços do Israel tribal, que se constitui no norte, ao redor de interesses comuns, e em conflito com as cidades-estado cananéias que dominavam a rota comercial do norte, a agricultura das planícies e o comércio marítimo.

A tribo de Aser nunca toma a iniciativa e, quando vai, é puxada por outra tribo. No primeiro texto (Jz 5,17) se diz que Aser se estabeleceu diante do mar. O hebraico não é muito claro: pode ser na parte ocidental da Galiléia, como na beira-mar; diante dos ou sobre os portos. Podemos imaginar que Aser tenha ocupado as colinas da Galiléia que descem para o mar, e que aseritas tenham fornecido contingentes para a navegação marítima de cananeus e talvez fenícios. É interessante notar que esta referência ao mar é comum às tribos do norte: a Zabulon (Gn 49,13) como a Neftali (Dt 33,23: mas aqui "mar" deve ser o mar da Galiléia). Fica claro, portanto, que Aser, do alto de suas montanhas, está orientado para ocidente (o mar) e para o norte (fenícios). É importante ressaltar isso, porque este fator influenciará a história de Aser e seu relacionamento com as outras tribos e Israel.

2.2. Uma tribo no meio dos cananeus

Outros textos nos ajudam a entender melhor o perfil desta tribo.

Jz 1,31-32: "*Aser não possuiu (expulsou) os habitantes de Aco e os habitantes de Sidônia, de Maaleb, de Aczib, de Helba, de Afec e Roob. Os aseritas habitavam entre os cananeus, que habitavam a terra porque eles não os possuíram (expulsaram)*". É um texto posterior que ajuda a entender a localização territorial da tribo de Aser. Todas as cidades aqui citadas "foram identificadas, com exceção de Roob, que devia estar situada a sudeste de Aco. Freedman chamou a atenção dos estudiosos para o importante fato de que a lista de sete cidades está dividida gramaticalmente em 2 + 5. Este 'arranjo' pode refletir uma organização política, que é uma forte pentápolis na costa setentrional, com outra pentápolis justamente perto da costa no sul do monte Carmelo (v. 27),

16. Cf. ELLIGER, K. Aser. In: *The Interpreters Dictionary of the Bible*, v. I. New York/Nashville: Abingdon Press, 1962.

como a famosa pentápolis filistéia no sul."[17] Podemos supor que uma organização tão forte dos cananeus deve com certeza ter influído na vida dos outros moradores da região pertencente aos cananeus, sobretudo dos camponeses que trabalhavam as terras ao redor das cidades. Seria, portanto, possível pensar que aconteceu com Aser o que aconteceu com o povo de Manassés no tempo de Gedeão. Este teve de "fugir" para as montanhas para escapar à exploração dos cananeus e criar lá sua própria agricultura de subsistência (Jz 6,2.11).

Js 19,24-31 contém a lista de vinte e duas cidades que marcam os confins da tribo de Aser. Na realidade confunde e mistura linhas de divisa com listas de cidades. Trata-se de uma das áreas mais prósperas, mas também mais expostas à contínua influência dos cananeus. "Compreendia a luxuriante planície de Aco e sua estreita extensão para o norte, junto com o território interno das grandes cidades cananéias mais a norte, ao longo da costa libanesa. Não é claro se Tiro e Sidônia fossem consideradas parte do território israelita"[18]. "O ponto mais meridional é Shihor-Libnat, geralmente identificada com a região pantanosa a sul do Carmelo e Dora, devido à estagnação da água de dois riachos, o *nahr ed-difle* e *nahr ez-zerqa*, que no hebraico moderno correspondem ao *nahr nattanninim*. Hoje esta região está completamente transformada por drenagem, e não é mais possível identificar detalhes históricos e arquelógicos. Aco pode ainda ser reconhecida na costa do mar: é a São João de Acre, dos Cruzados e dos peregrinos cristãos, a norte/nordeste de Haifa. Afec pode também ser reconhecida, assim como Cabul, Sidônia e Tiro. A descrição de Tiro é parecida com a grande ilha fortificada, capital do famoso reino marítimo de Tiro, a 'antiga Tiro', diferente da cidade irmã da costa. Alguns dos outros lugares (Helcat, Messal) aparecem nas listas egípcias, embora não seja possível localizá-los com exatidão"[19].

"No v. 25, começa uma lista de sete nomes de cidades, provavelmente um acréscimo. O número é significativo para a memorização, mas os nomes não se relacionam a uma forma coerente de limite"[20].

Cabul está localizada a 14,4 km a leste-sudeste de Aco. Esta cidade se torna o centro de um distrito de vinte cidades, incluídas várias cidades levíticas, que Salomão doou a Hiram de Tiro em troca de material para a construção do templo em Jerusalém, mas Hiram não gostou: "*Hiram saiu de Tiro para ver as cidades que Salomão lhe dera, mas elas não foram de seu agrado. Disse ele: 'que cidades me deste, meu irmão!' E foram chamadas Terra de Cabul, nome que conservam até hoje*" (1Rs 9,12-13). O motivo é que a região é pantanosa (cabul = "pântano", ou "nada"). Segundo 2Cr 8,2, existem outras cidades que Hiram deu a Salomão e que este reconstruiu e usou para assentar israelitas. Estes textos nos confirmam que estas cidades cananéias pertenceram a Israel só a partir da monarquia. Em 2Sm 24,7, por ocasião do recenseamento ordenado por Davi, se lê: "*entraram na fortaleza de Tiro e em todas as cidades dos heveus e dos cananeus*". Trata-se de um texto meio duvidoso, por sabermos que o rei de Tiro ainda era independente no sucessivo reinado de Salomão, como já vimos.

17. BOLING, R.G. Judges. In: *The Anchor Bible*, v. VI. New York: Doubleday and Company, Inc., 1985, p. 60.

18. BOLING, R.G. e WRIGHT, C.E. Joshua. In: *The Anchor Bible* VI. New York: Doubleday and Company, Inc., 1985, p. 452-456.

19. SOGGIN, A., *op. cit.*, p. 193.

20. BOLING e WRIGHT, *op. cit.*, p. 452-456.

Concluindo: Aser morava num território muito habitado, cheio de cidades cananéias, com fortes laços organizativos entre elas. É de se pensar que o povo de Aser mantivesse relações comerciais com as cidades, trocas de favores, mas fosse por elas também explorado. Não me parece muito viável pensar em um tipo de organização popular no meio de tamanha rede de cidades: talvez isso se deu nas montanhas. Acredito também que esta convivência deve ter influenciado não pouco a cultura, os costumes e a religião de Aser.

Tal região incluía a costa, que oferecia a possibilidade da pesca e do comércio; incluía os vales e planícies, onde era possível o cultivo de cereais; além disso, algumas regiões pantanosas ao sul do Carmelo e o "Cabul", bem como as colinas e montanhas da Galiléia, ideais para a produção de óleo, vinho, figos, carne e lã tiradas das ovelhas. Aser podia ser composto por vários clãs: assalariados a serviço da navegação cananéia e talvez fenícia, agricultores dependentes das cidades, camponeses e pastores das colinas. Mas é possível que a maioria da tribo tenha sido composta por moradores das colinas e montanhas.

2.3. O Aser "feliz"

Existem na bíblia alguns textos de tradição antiga que falam de um Aser feliz, talvez pela situação econômica em que vivia. São textos proclamados "de fora", que olham para esta tribo de uma certa distância, talvez deixando transparecer um pouco de inveja. Mas eles nos comprovam que o que ficou marcado na memória do povo das outras tribos em relação a Aser deve ter sido sua situação de bem-estar econômico.

Gn 30,13: "*Que felicidade! Pois as mulheres me felicitarão; e o chamou de Aser*". Já vimos este texto, que é a explicação do nome da tribo, no momento do nascimento do oitavo filho de Jacó. Deve tratar-se de uma tradição antiga. Como é a mãe que dá o nome ao filho, alguns estudiosos admitem que o texto seja da época matriarcal, anterior à patriarcal. Mas o nome frisa a característica principal, que marca a tribo: a *felicidade!*

Gn 49,20: "*Aser: seu alimento é a gordura (óleo), fornece produtos deliciosos aos reis*". A referência é ao produto principal da tribo de Aser: o óleo, tirado das oliveiras que encontraram seu lugar ideal nas colinas da Galiléia: terra seca, pedregosa e com muito sol e chuva suficiente. Este óleo, famoso até nos nossos dias (o óleo do Líbano), era de excelente qualidade, "delícia digna de rei", como diz o v. 20, e certamente era comercializado e exportado, favorecendo não pouco a economia da região.

"*Bendito entre os filhos é Aser, seja favorito entre os seus irmãos, mergulhando seu pé no azeite. De ferro e bronze é teu ferrolho, e conforme teus dias a tua força*" (Dt 33,24-25). Este texto, que faz parte da bênção de Moisés, traz provavelmente a ótica

das tribos do centro, a casa de José. Também faz alusão à abundância de azeite. A segunda parte do verso, de tradução difícil, talvez se refira à posição de divisa de Aser, no extremo norte.

2.4. Conclusão

Nesta época tribal encontramos um Aser "privilegiado" e, de certo modo, feliz em relação às outras tribos. A sua colocação numa região fértil e de fácil acesso ao comércio deve ter favorecido sua situação econômica. A presença de muitas cidades-estado cananéias deve ter sido um problema, mas, pelo que parece, foi possível uma convivência, a ponto de Aser ter conseguido, nas montanhas e colinas, uma economia própria e uma vida relativamente boa e tranqüila. No aspecto cultural, não temos muitas informações, mas é de se imaginar um Aser bastante cananeu. Percebemos certa distância de Aser diante das outras tribos: pela sua localização periférica, mas também pouco interessado com o que acontecia no sul. O seu olhar estava mais para o oeste e o norte. Mas ele participa da campanha de Gedeão, e está presente na planície de Jezreel, que foi um dos berços do Israel tribal.

3. Época da monarquia

Com a chegada da monarquia, o poder se centraliza nas tribos do centro-sul. O norte perde importância em relação aos dois eixos (a casa de José e Judá) que de agora em diante serão a referência política de Israel. É nesta época que as cidades-estado da Galiléia são submetidas à monarquia de Israel, mas permanecem, na região costeira, territórios e reinos livres, como Tiro, mantendo boas relações comerciais e de parceria com Israel.

O primeiro texto a falar de Aser é 2Sm 2,8-9: "*Abner, filho de Ner, chefe do exército de Saul, levara consigo Isboset, filho de Saul, e o fizera passar para Maanaim. Ali o constituiu rei sobre Galaad, sobre os aseritas, sobre Jezreel, como também sobre Efraim, Benjamim e sobre todo Israel*". Segundo este texto, Aser integraria o segundo dos cinco distritos do Reino de Israel, nos últimos tempos do reinado de Saul e durante o breve reinado de Isbaal (pelo ano 1000 aC).

Há dificuldades quanto à palavra "*aseritas*"[21]: Siríaco e Vulgata traduzem "*gessuritas*", enquanto para o Targum é "*casa de Aser*". O distrito aserita é designado mais pela forma do que pela geografia. 2Sm 2,9 usa um velho princípio na descrição dos limites geográficos, definindo-os a partir dos quatro pontos cardeais. Os aseritas podem, por conseqüência, representar o distrito mais ocidental, em oposição a Galaad, o mais oriental; Jezreel está mais ao norte e Benjamim no sul. Efraim ficaria no meio, no eixo norte-sul.

Mas quem seriam este aseritas?

21. EDELMAN, D.V., *op. cit.*, p. 483.

Não podem representar os assírios, não ativos em Canaã neste período. Também não é plausível a identificação com uma tribo arábica, os assurim filhos de Dadã (Gn 25,3), que não estavam no oeste de Canaã no tempo de Saul e Isbaal. A redação diferente "*gessuritas*" não representa uma aceitável resposta geográfica e política, embora adotada por um pequeno grupo de estudiosos. Como também o pequeno reino arameu independente no sul Golã, Gessur (Js 13,3; Dt 3,14; 2Sm 3,3; 13,37), não pode ter formado o limite oeste de Israel no tempo de Saul.

Outros estudiosos supõem um grupo de Aser no sul, na região montanhosa de Efraim, baseados na genealogia de 1Cr 7,30-40. Mas, como veremos mais adiante, a hipótese parece estar cheia de lacunas e, portanto, inviável.

Os aseritas são mais facilmente identificáveis com a tribo galilaica de Aser, que representaria, por extensão, a inteira região da Galiléia. Porém, um recente trabalho de observação arquelógica no sul de Issacar não tem produzido nenhum resto datável ao período do Ferro I. O assim apresentado controle de Saul sobre o sul das colinas de Issacar, norte de Meguido, planície de Jezreel (1Sm 13,7; 1Cr 10,7), pode ser considerado ficção literária. Portanto, nenhum Aser, nem a Galiléia podem ter formado o limite oeste do Estado de Saul.

Outro texto deste tempo é 1Rs 4,16, que fala do nono distrito de Salomão: "*Baana, filho de Husi, em Aser e em Baalot*". Baalot (ou Alot) poderia ser um território israelita, que integrava o nono distrito salomônico de Aser, e que podia ter pertencido antigamente a Zabulon (a palavra Baalot podia vir de Zabulon, por ser o texto original muito corrompido, e designar, segundo alguns autores, o território de Zabulon anexado a um dos distritos vizinhos, visto que ele não aparece como distrito salomônico)[22]. Esta observação é importante, porque nos apresenta um "grande" Aser, englobando até parte do território de Zabulon.

Estes dois textos confirmam que a Galiléia começou a fazer parte do estado monárquico com Davi, o primeiro rei israelita a ocupar a planície de Meguido, a porta para a Galiléia[23]. Com Salomão as cidades cananéias integram o estado de Israel (1Rs 9,12-13). Aser é distrito administrativo: pela sua posição estratégica, mas também por estar na rota do comércio com os fenícios.

Mas Aser vai adquirir importância ainda maior com a dinastia dos Amridas (séc. IX). "*No trigésimo primeiro ano de Asa, rei de Judá, Amri tornou-se rei de Israel. Ele reinou durante doze anos, dos quais seis em Tersa. Em seguida comprou de Somer, por dois talentos de prata, a montanha da Samaria. Fortificou a montanha e chamou a cidade que construíra de Samaria, segundo o nome de Somer, o proprietário da montanha*" (1Rs 16,23-24). A política dos amridas é claramente voltada para o ocidente e os fenícios. Mudam a capital de Tersa (que olhava para o Jordão, a Transjordânia, e os sí-

22. *Idem*, p. 483.

23. *Idem*, p. 482.

rios), para Samaria, que controlava o acesso às montanhas de Efraim, a planície da costa e a "via maris". Sua visão chegava até o Mediterrâneo.

Acab, que sucedeu a Amri (871-852 aC), confirma esta política. Ele casa com a princesa de Tiro Jezabel, filha do rei dos sidônios, claramente por razões econômicas e político-comerciais, devido aos mercados para o excedente agrícola e tendo em vista uma participação no comércio de longa distância no mar Mediterrâneo. O casamento de Acab trouxe de volta para o território de Israel também o Carmelo, que já na época de Salomão fora perdido para Tiro.

Conclusão

Percebe-se, no tempo da monarquia, um Aser "vivo", diante do enfraquecimento e decadência de outras tribos (antigo Zabulon). O nome Aser sempre mais passa a indicar a Galiléia, embora nem toda a Galiléia. Sua importância é política, por estar geograficamente na divisa, e sobretudo comercial: Aser está na rota do comércio que liga o Mediterrâneo com Áqaba e a Arábia.

Infelizmente, as informações que temos vão se fazendo sempre mais escassas. O norte se torna periferia em relação ao centro e ao sul.

4. Período do pós-exílio

Só dois textos mencionam Aser. O primeiro é Ez 48,1-3, que é uma visão da nova distribuição da terra. Cada uma das doze tribos recebe uma porção igual, uma fatia de terra que corta a Palestina do leste para oeste. Deste modo, o profeta tem que encaixar as tribos, às vezes sem respeitar as antigas localizações de cada uma. Na Galiléia aparecem só três tribos: Dã, Aser e Neftali. Desapareceram as da baixa Galiléia, as menores da época dos juízes: Issacar, que talvez nunca tenha possuído terra própria, e Zabulon (Baalot), engolido por Aser já no período monárquico.

O segundo texto, muito mais difícil de interpretar, é a genealogia de Aser em 1Cr 7,30-40. Segundo o Cronista, na lista das tribos da Galiléia, fazem parte Issacar, Neftali e Aser. Faltam Zabulon e Dã (talvez excluído por causa da sua infidelidade religiosa atestada em Jz 18). Alguns estudiosos sustentaram a idéia de um grupo de Aser assentado no sul, entre Benjamim e Efraim. Isso porque um dos clãs de Aser, o de Beria, se encontra também na genealogia de Efraim, tendo construído e morando nas cidade de Bet-Horon inferior e superior e *Uzen-Sheerá*; e na genealogia de Benjamim, morando na cidade de Aialon. Acredito que podem ter acontecido confusões entre nomes parecidos e comuns, porque, do contrário, fica extremamente difícil justificar um grupo de Aser nesta região de divisa entre o estado do norte e o do sul. Esta região já viu, em época anterior, a migração da tribo de Dã, pelas fortes pressões que ali se viviam.

Voltando à nossa genealogia, o Cronista (séc. III) tenta reconstruir a história de Israel ao redor do templo de Jerusalém. As genealogias são importantes nesta reconstrução que visa colocar as tribos ao redor do Templo; mas é também um sinal de que a

memória tribal ainda estava viva. No caso de Aser, sua referência é sobretudo a fonte antiga de Nm 26,44-47, e uma outra genealogia que se encontra em Gn 46,17, talvez posterior a Nm por estar interessada só num clã: o de Beria.

Quanto à estrutura da genealogia de 1Cr 7, 30-40, vou fazer quatro considerações:

a) Seria uma genealogia homogênea, mas com muitas corrupções textuais que obscurecem sua apresentação. Erros textuais estariam nos v. 35-38 na lista de descendentes dos quatro filhos de Helem/Hotam: Sufa, Jemna, Seles e Amal. Sual, Beri e Jamra do v. 36 não devem ser vistos como ulteriores filhos de Sufa, pois seria uma corrupção da frase original "*filhos de Jemna*". No v. 37 a palavra "*filhos*" poderia ser colocada antes de Seles para sinalizar a lista de sua prole.

b) A genealogia contém três fontes originárias: v. 30-35.36-37.38-39, combinadas posteriormente na forma de uma singular genealogia. Existem nomes que se repetem nas diferentes fontes: Sara; Beera/Beri; Seles/Salusa; Sué/Sue; Jetrã/Jeter: indicariam que as fontes representariam numerações do mesmo grupo em épocas diferentes de sua história[24].

c) Até Melquiel (v. 31) o autor segue Gn 46,17, pois o nome Isuí não ocorre no resto da genealogia[25].

d) "O autor parece utilizar também outra fonte especial: isso se constata comparando os números dos homens para a guerra: quarenta e um mil e quinhentos em Nm 1,40; 2,27; cinqüenta e três mil e quatrocentos em Nm 26,47; e vinte e seis mil em 1Cr 7,40. Este fato é meio estranho, contrário à paixão por altos números de Crônicas e pode indicar uma situação posterior"[26].

Concluindo: é difícil sustentar a hipótese de um Aser no sul: a genealogia reconstruída pelo Cronista apresenta muitas dúvidas e vários pontos obscuros. Além disso, fazia parte do seu projeto histórico colocar as tribos, muitas das quais nesta época (séc. III aC) deviam ter desaparecido, ao redor do templo e do sacerdócio sadoquita.

E a tribo de Aser: ainda existia? Certamente o território era habitado, e muito, mas não temos indícios de vida tribal. Pelo menos não temos informações a respeito. É provável que, depois da chegada dos assírios (722 aC), muita coisa tenha mudado naquele que foi o reino do norte. Talvez somente a arqueologia possa nos ajudar a descobrir o que aconteceu com Aser neste período.

5. Novo Testamento

Aparecem dois textos citando Aser, o que é bastante surpreendente.

24. Cf. EDELMAN, D.V., *op. cit.*, p. 483.

25. Cf. MAYER, J.M. I Chronicles. In: *The Anchor Bible* II, New York, Doubleday and Company, Inc., Garden City, 1986, p. 56.

26. *Idem*, p. 56.

Lc 2,36-38: "*Havia também uma profetisa, Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser. Ela era muito avançada na idade: depois de ter vivido sete anos com o seu marido, ficara viúva e tinha atingido a idade de oitenta e quatro anos. Ela não se afastava do Templo, participando do culto, noite e dia, com jejuns e orações*". Sendo Nazaré do território de Zabulon, que fora incorporado a Aser, é possível entender esta referência um pouco estranha a Aser. O fato de Ana estar no Templo, faz parte da teologia de Lucas, que a descreve como o perfeito israelita. Esta memória de Ana poderia remontar a uma parente ou pessoa que teve um papel importante no início da história de Jesus.

Quanto à família de Fanuel: existe um Fanuel entre os descendentes de Judá (1Cr 4,4). Este nome é também o de uma cidade da Transjordânia, situada no curso do Jaboc (provável lugar da luta de Jacó: Gn 32), hoje *Tulul ed-Dahab*, cerca de 8 km além de Sucot (Jz 8,8 e 1Rs 12,25).

O segundo texto é Ap 7,6, onde se fala dos doze mil marcados da tribo de Aser. Também aqui, como em outros lugares, o autor pensa o Israel futuro a partir do Israel tribal: As tribos galilaicas mencionadas são: Gad, Aser (em quarto lugar!), Neftali, Issacar, Zabulon: o autor parece utilizar, para a nossa região, a lista de Js 19.

6. Conclusão: Uma memória perigosa

Algumas considerações se impõem como conclusão:

– Parece não ter sobrado literatura própria de Aser: não porque não existisse, mas porque não foi do interesse de quem escreveu a história de Israel guardar a memória desta tribo. Isso diz a situação periférica de Aser em relação às outras tribos de Israel.

– Em muitas passagens Aser é lembrada pela sua fartura, que lhe conferia uma situação privilegiada. De fato parece que sua agricultura florescente, junto com a localização estratégica (já a partir do XIV séc. aC), na rota do comércio norte-sul e com os fenícios, influiu bastante em sua economia.

– A vida da tribo foi intensa na época do tribalismo; parece diminuir a partir da monarquia, até não termos mais dados certos no pós-exílio. Acredito que a vida tribal continuou por bastante tempo, embora não tenhamos informações a respeito. Com certeza a chegada dos assírios (séc. VIII) deve ter abalado não pouco a vida clânica do povo.

– É difícil achar aspectos culturais próprios da tribo: Aser nunca brilhou no cenário tribal, nenhum episódio positivo ou negativo de sua vida ou de seus filhos é lembrado: só a economia! A impressão é de uma tribo distante, pouco interessada com o que acontecia no centro-sul, curtindo sua vida (que parece ter sido boa) e sua paisagem que chegava a enxergar o Mediterrâneo. Do outro lado percebemos uma certa marginalização que atingia não só Aser, mas todas as tribos do norte, dentro do contexto mais amplo de Israel, a partir da monarquia.

Mas não podemos nos deixar enganar. Muitos movimentos e levantes populares entre o I séc. aC e o I séc. dC surgiram nesta terra da Galiléia, o que representa um fato

extremamente significativo: lembramos Ezequias, morto por Herodes o Grande; os grupos de salteadores que se escondiam nas cavernas da Galiléia; Judas, filho de Ezequias, que tomou Séforis no ano 4 aC, motivo pelo qual a cidade, a poucos km de Nazaré, foi totalmente destruída[27]; e, por fim, Jesus, que, embora não pregasse a violência armada, contudo cultivava o mesmo sonho de justiça, fraternidade, felicidade. Com certeza, a memória muito forte do tribalismo que aqui teve um dos seus berços, e também a situação de intensa exploração e os grandes interesses econômicos na região, influíram em Jesus e no seu sonho.

A memória da tribo de Aser, como uma das mais importantes da Galiléia, permanece e continua alimentando as gerações futuras. É memória perigosa, porque mantém vivo o sonho, e impede de se curvar aos domínios dos opressores. Jesus, que nasceu e se criou ali por perto, deve ter bebido da fonte de Aser. O movimento ao qual ele deu origem tem raízes profundas que, com certeza, têm como chão também a terra, a vida e as tradições de Aser.

Bibliografia de referência

NOTH, Martin. *Storia d'Israele*. Brescia: Paideia Editrice, 1966.

GOTTWALD, Norman. *As tribos de Jahweh – Uma sociologia da religião de Israel liberto 1250-1050 aC*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1986.

VON RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento,* v. I-II. São Paulo: Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos, 1973.

BRIGHT, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulinas, 4ª ed., 1980.

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*, v. I. Petrópolis: Ed. Vozes / São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1997.

BOLING, R.G. – WRIGHT, G.E. *Joshua. A New Translation with Introduction and Commentary.* New York: Doubleday & Company Inc., 1998 (The Anchor Bible).

BOLING, R.G. *Judges.* New York: Doubleday & Company Inc., 1995 (The Anchor Bible).

AHARONI, Yohanan e AVI-YONHAH, Michael. *The MacMillan Bible Atlas*. New York: MacMillan Publishing Company / London, CollierMacMillan Publishers, 1968/1977.

AHARONI, Yohanan. *The land of the Bible – A Historical Geography*. London: Burns and Oates, 1979.

Luís Schiavo
Caixa Postal 741
74001-970 Goiânia, GO
Fone: (0xx62) 298 1438
e-mail: schiavo@cultura.com.br

27. Ver a este respeito: HORSLEY, Richard – HANSON, John S. *Bandidos, Profetas e Messias. Movimentos Populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Ed. Paulus, 1995.